

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

Cledson Santos Oliveira

“ARTE”

**UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DOCENTES
DO ENSINO DE ARTE**

Manaus

2017



Cledson Santos Oliveira

“ARTE”

**UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS METODOLÓGICAS
DOCENTES DO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado a Universidade do Estado do
Amazonas como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Área de habilitação: Licenciatura em Teatro

Orientadora: Prof. Mestra Carolina Cecília
Carvalho Nogueira

Manaus
2017

Cledson Santos Oliveira

“ARTE”

**UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS METODOLÓGICAS
DOCENTES DO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Aprovado em: 22 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestra Carolina Cecília Carvalho Nogueira
Orientadora

Prof. Mestra Daniely Peinado dos Santos
Membro

Prof. Espec. Francenilza Viana de Souza Silva
Membro

Nota Atribuída: 10,0.

*Dedico este trabalho primeiramente
ao meu Deus a quem sempre confio... JESUS; em especial a
minha amiga, pois sem ela eu não estaria aqui... MÃE!*

AGRADECIMENTOS

Aos familiares:

A minha mãe em especial, meu amor eterno;

Ao meu pai que me abraçou, me deu abrigo e me confortou dizendo que me ama pelo que sou;

Aos meus irmãos que sempre me ajudaram e que os amo: Cleumir José, Emanuelle Almeida, Emanuella Almeida, Mayara Almeida; Rose Silva, Rosiane Pinto.

Aos amigos e companheiros:

Alexandre Duarte, pelo companheirismo, pelas palavras de conforto nas horas mais difíceis da minha vida;

Ronald Almeida, pelo acolhimento, amizade e aprendizagem;

Nathácia de Almeida minha amiga querida;

A secretária digníssima do Curso de Teatro.... Hoje a chamo de minha amiga Márcia Silva;

Ao amigo que me proporcionou nas horas de alegria e tristeza um drink especial, que nunca mediu esforços para ajudar os acadêmicos de Teatro... Obrigado Cerá.

Aos amigos de coração que Deus colocou na minha vida durante a minha jornada na Escola Superior de Artes e Turismo-ESAT/ Universidade do Estado do Amazonas-UEA...

São eles:

Claudio Junior Victorino;

Eduardo Gomes;

Dayvisson Caldas;

Sebastiana Colares;

Amanda Motta;

Márcia Silva;

Apoiadores na minha jornada:

*Nejmí Azíz; Josué Neto; Guttemberg Britto; Rosemberg Britto e
Cabo Maciel;*

Em destaque...

*Aos professores incentivadores e colaboradores: Carolina
Cecília; França Viana, Daniely Peinado; Caroline Caregnato;
Gislaine Pozzetti; Annie Martins; Amanda Ayres; Jany Alfaia;
Claudia Martins; Denize Bezerra; Anaclei Vaz; Jorgerlone
Portela; Luciana Martins; Paulo Queiroz.*

*“Quanto mais metodicamente rigoroso
me torno na minha busca e minha docência, tanto mais
alegre e esperançoso me sinto”.*

Paulo Freire

INDICE DE ILUSTRAÇÕES DE FOTOS DESENHOS GRÁFICOS¹

Figura 1- Momentos da minha vida com a arte.

Figura 2- Em defesa da arte.

Figura 3- Em momento de ensino com um aluno educ. Infantil.

Figura 4- Alunos em apresentação de trabalho.

Figura 5- Preparação do aluno para apresentação.

Figura 6- A sala de aula com poucos alunos.

Figura 7- Apresentação de Teatro Infantil com os alunos.

Figura 8- Diálogo com alunos.

Figura 9- Minha Reflexão

¹ Fotos desenhos gráficos são fotos que foram usadas neste trabalho, mas usando um aplicativo digital chamado PicsArt para que não seja mostrado o rosto por questão da ética profissional.

RESUMO

Convido a você leitor participar comigo das reflexões que pude levantar a partir deste trabalho de Conclusão de Curso-TCC, onde alguns autores me ajudaram nas minhas angustias constantes sobre conhecer quais são os saberes docentes necessários para a atuação do professor de arte e refletir sobre as práticas metodológicas dos professores entrevistados e observados em sala de aula. Com isso acredito que essa pesquisa alcance uma expectativa a todos que buscam caminhos para estratégias de ensino, ou até mesmo conhecer um pouco sobre práticas metodológicas. Compartilho durante esta pesquisa um pouco sobre a história da Arte no Brasil, pois foi de tamanha relevância para chegar ao objetivo pretendido.

Palavras-Chaves: Arte; arte; Metodologia; Ensino-Aprendizagem; Reflexão;

RESUMEN

Invito a usted lector a participar conmigo de las reflexiones que puedan levantar a partir de este Trabajo Final de Curso- TCC, en el qual algunos actores me ayudaron en mis angustias constantes sobre conocer cuáles son los saberes docentes necesarios para la actuación del profesor de arte y reflexionar sobre las prácticas metodológicas de los profesores entrevistados y observados en sala de clase. Con ello creo que esa investigación alcance una expectativa a todos que buscan caminos para estrategias de enseñanza, o hasta mismo conocer un pouco sobre prácticas metodológicas. Comparto durante esta investigación un poco sobre la historia del Arte en Brasil, pues fue de gran relevancia para llegar al objetivo deseado.

Palabras-Claves: Arte; arte; Metodología; Enseñanza-Aprendizaje; Reflexión;

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	12
APRESENTAÇÃO DO MEU TRABALHO.....	15
PROCEDIMENTO.....	17
1. ARTE: ATIVIDADE OU DISCIPLINA	19
1.1 O Professor/ Suas Vivências.....	21
1.2 Quem são esses professores que ensinam arte?	22
2. AS TEORIAS E PRÁTICAS DOS PROFESSORES.....	25
2.1 Perguntas direcionadas aos professores que ministram a disciplina Arte no ensino formal.	26
2.2. Quanto ao objetivo do ensino da Arte.	29
2.3 O ensino de Arte com outras disciplinas	31
2.4 O professor de Arte como é visto na escola.....	33
2.5 As metodologias dos professores- estratégias-instrumentos	35
3.UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES...37	
MINHA REFLEXÃO.....	44
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	46

MEMORIAL



Figura 1

Primeiramente preciso ressaltar uma coisa que acho de tamanha importância para mim. Meu nome de registro é Cledson Santos Oliveira, mas, desde o meu desenvolvimento como pessoa me conheço como Fhabyo, então o uso como nome artístico. Seja bem-vindo ao meu memorial...

Fhabyo Angelo Oliveira.

Tudo na minha vida foi uma reflexão, pensamentos de tudo o que vi, vejo ou até mesmo que fiz ou faço parte. Durante minha meninice fui atravessado pela arte de todas as maneiras. Minhas brincadeiras de infância sempre eu era o professor e meus primos os alunos, eu tinha até uma lousa que minha mãe comprou para eu usar. Lembro que aos meus 12 anos já fazia parte do coral da igreja, aos 14 anos comecei a fazer parte de um grupo de quadrilha junina, mas que logo em seguida eu me tornara um coreógrafo de dança árabe, uma paixão que tenho até hoje pela dança e cultural oriental.

Aos 15 anos liderava um grupo de dança, onde jovens adolescentes faziam parte, minha mãe que respondia por mim, pelo fato de eu ser menor na época. E foi assim até eu completar 18 anos de idade, onde comecei a viajar e tomar decisões junto aos jovens que estavam ao meu lado, cada ano era uma aprendizagem diferente, pois eu conseguia tirar proveito dessas lições, a maneira como dialogar com eles, os pontos positivos e negativos. Isso tudo que estou relatando, talvez tenha influenciado para chegar até aqui nesse momento. Com o término do ensino médio me dediquei as viagens como dançarino e coreógrafo, foram mais ou menos cinco anos nisso, foi então que, decidi cursar uma faculdade. Entrei no Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, afinal eu sempre quis mesmo é ser professor. Com isso as portas se abriram, tive minha oportunidade de ao mesmo tempo cursar a faculdade, como também trabalhar com alunos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil-PETI, na cidade onde nasci, Itacoatiara-AM. Passei dois anos trabalhando com alunos de 10 a 15 anos, onde era uma espécie de reforço escolar, com aulas de Língua Portuguesa e também dança, pelo fato de entender um pouco da área. Mas, infelizmente o programa que era realizado com os alunos parou e, claro fiquei desempregado. E era dali que pagava uma parte da mensalidade da faculdade. As condições foram piorando tanto para mim quanto para minha família que estava passando por algumas dificuldades, tive que parar a faculdade.

Passado algum tempo, conheci algumas pessoas do meio do teatro, um espetáculo que havia vindo de Manaus se apresentar em Itacoatiara, comecei a gostar dessa arte que encantou meus olhos. Foi quando, um amigo falou do vestibular da Universidade do Estado do Amazonas, eu já conhecia por nome na minha cidade, mas nunca havia pensado em fazer o vestibular UEA. Decidi então

ler o edital, e vi que havia o curso de teatro. Pedi explicação para um amigo, ele disse que seria algo bom na minha vida, pois o teatro era uma linguagem incrível, onde eu poderia dirigir, interpretar e aprender bastante. Foi quando me inscrevi e passei no vestibular. Mas, sinceramente não sabia muita coisa sobre o curso, talvez eu tenha sido iludido, sei lá. Foi então, que decidi mudar da cidade em que eu morava, e vim residir em Manaus.

Na Universidade, fui conhecendo aos poucos realmente o curso de teatro, que ainda não estava definido para mim como bacharelado ou licenciatura. Ao decorrer do curso tive que arranjar emprego para me manter em Manaus, pois estava morando com um amigo. Consegui ser monitor de teatro no Projeto Jovem Cidadão, onde com isso pude novamente ter contato com os alunos. Nesse trabalho ressalto que aprendi muitas coisas, como elaboração de projetos, planos de aulas, além de estar dia a dia não só instruindo, mas também aprendendo. A faculdade também teve sua parcela de colaboração, afinal eu estava chegando ao 4º período, e era hora de decidir se iria realmente optar por bacharel ou licenciatura, mas claro, meu destino já estava traçado, eu sempre quis ser professor. E durante as próximas aulas no curso, já podendo ser chamado de Licenciatura em Teatro, fui aderindo conhecimento com as disciplinas: didática geral, pedagogia do teatro, seminário de arte e educação, psicologia, além de outras disciplinas voltadas para a licenciatura, mas claro não esquecendo das demais disciplinas como: interpretação, direção, montagens, laboratórios etc., que fazem parte da matriz curricular de teatro.

De antemão quero relatar o quanto essa pesquisa me fez desenvolver como pessoa, pois em nenhum momento julgo as ações de observações que aqui são citadas, pois foi através das entrevistas, reflexões de cada um dos professores observados que pude ter uma concepção do tema pesquisado, o quanto me fez crescer como profissional, mas, não posso deixar de relatar que a jornada de um professor nunca acaba, pois acredito eu que as práticas devem estar sempre se renovando, buscando meios para que suas metodologias sejam contempladas não só a mim, mas também os que estão à minha volta.

APRESENTAÇÃO DO MEU TRABALHO



Figura 2

...aquele que ensina aprende... ou não será mestre; e que aquele que aprende também ensina, ainda que disto possa não ter consciência, pois ao aprender ou não conseguir aprender estará ensinando a quem ensina o que poderia ser o melhor caminho a ser seguido (ao que chamamos de metodologia) para ter sucesso ao ensinar, ou seja, que quem ensina possa contribuir para que o aprendiz efetivamente aprenda. (ESTEBAN, 2008, p.28).

A presente monografia tem como tema: **Arte: um olhar reflexivo sobre as práticas metodológicas docentes do ensino de Arte**. Que objetiva conhecer quais são os saberes docentes necessários para a atuação do professor de arte e refletir sobre as práticas metodológicas do professor de Arte durante suas aulas. A principal motivação para a realização da pesquisa surgiu com o contato com professores da disciplina arte, durante o exercício de artigo relacionados as disciplinas: Metodologia do Ensino da Pesquisa e Tópicos de Práticas Educativas Integradas. Foi pensando no conteúdo dos comentários apresentados pelos professores e, minha observação quanto a eles em sala de aula, onde pude levantar algumas questões relacionadas à preocupação em

investigar o que é ensinar arte a partir das práticas metodológicas dos professores que observei durante meu processo de vida tanto pessoal como acadêmica.

Minhas inquietações aumentaram, afinal, sou formando, e com essa análise posso adquirir conhecimentos para ser um futuro professor de Arte com boas práticas na sala de aula e na escola. A decisão por saber quais práticas metodológicas, me fez ter curiosidade também de conhecer alguns autores que me embasasse na minha pesquisa. Ao decorrer do tempo, através do meu processo de leitura, me descubro com o estudo da bibliografia publicada pelo autor Tardif (2014), que relata em seu livro os “saberes docentes”, um cooperador necessário ao problema da minha pesquisa.

Ressalto portanto, que falar sobre esse trabalho do professor e suas práticas metodológicas em ensinar arte, contribui para a elaboração do entendimento da pertinência desta pesquisa, pois muito já se escreveu sobre as tendências do ensino de arte relacionadas à prática em sala de aula, portanto, neste estudo não é intenção discuti-las em favor ou contra os docentes que a ministram, mas sim tomá-las como base para a compreensão e reflexão sobre a situação em que se encontram o ensino e a aprendizagem de arte, assim favorecendo não só a minha pessoa como futuro professor, mas em consequências de ajudar aqueles que um dia estão em busca de conhecimentos para o ensino e práticas do ensino de arte.

Acredito que para compreender melhor as nossas responsabilidades como futuros professores de Arte, é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história. **FUSARI e FERRAZ (1992, p. 20-21).**

Partindo desse pressuposto, trago a seguinte problemática: **Quais são os saberes docentes necessários para a atuação do professor de arte? Quais práticas metodológicas devo usar como futuro professor Arte?** Através dessas aflições fico na dúvida sobre qual tipo de metodologia usar para que essas inquietações sejam respondidas na minha pesquisa, pois foram meses de análise comigo mesmo, em que direção tomar para que este trabalho possa chegar até aqui.

PROCEDIMENTO



Figura 3

Ao me deparar com o autor René, onde ressalva que “o pesquisador intervém no processo de sua pesquisa em função de uma mudança” (BARBIER, 2007) percebi que minha pesquisa não se tratava de uma pesquisa-ação, pois meu interesse neste trabalho não é intervir, e sim refletir e levar tanto no meu conceito de vida pessoal e profissional, além de favorecer as pessoas que estão lendo esta pesquisa para que reflitam sobre as práticas metodológicas dos professores, sendo elas positivas ou negativas. Assim sendo, reforço com as palavras também do autor, onde ressalva:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (SEVERIANO, 2007, p.120).

Relato que, minha pesquisa não será de cunho quantitativo, pois não irá abranger diversos professores que ministram a disciplina Arte, mas sim de uma abordagem qualitativa, com número pequeno de professores, analisando suas particularidades e experiências individuais na docência. O método ao qual irei usar será de estudo de caso, pois preciso observar as práticas metodológicas dos professores pesquisados, sendo de fato considerar os méritos de tais

ocorrências através de uma comparação cuidadosa. Nesse tipo de método, o autor nos relata que estudo de caso é, portanto, “um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral”. (SEVERIANO, 2007).

Com isso pretendo dialogar com os objetivos propostos, estabelecendo os seguintes procedimentos metodológicos:

- Buscar orientações e embasamentos em livros sobre a arte-educação;
- Ir a campo observando para que essa pesquisa não seja limitada e sim um meio para que não só professores, mas alunos descubram um novo modo de pensar sobre as práticas do ensino de arte;
- Levantamento bibliográfico e documentos relevantes sobre arte e ensino de arte;
- Observação direta das práticas metodológicas dos professores em sala de aula, ou até mesmo em outro espaço dentro da escola;
- Elaboração de um questionário com perguntas pertinentes para levantamento e diagnóstico da pesquisa;

Diante disso, ressalto que o presente trabalho trará uma reflexão acerca do tema, utilizando como referências as ideias de educadores/pesquisadores que busquei e, continuo buscando para que minha pesquisa não seja apenas uma inquietação minha, mas desses autores ao qual me apoderei para tê-los como ajuda; além dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que serviram de base teórica para a concepção sobre o tema focalizado, na busca da compreensão do mesmo.

Minha pesquisa está estruturada em 3 capítulos, no qual apresento as metodologias do ensino de Arte sendo explanada por professores que ministram a disciplina Arte na rede pública, e que em meio as suas respostas reflito e dialogo com leituras e ressalvas de autores que me embasei para esta pesquisa.

1. ARTE: ATIVIDADE OU DISCIPLINA

O Ensino de Arte no Brasil vem sendo de certa maneira uma luta constante, que envolve não só o professor e o aluno, mas principalmente as políticas educacionais, para superar a perspectiva de transmissão. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte, na primeira metade do século XX descreve:

O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos. **(BRASIL, 1997, p.17)**

Vale ressaltar que o ensino de Arte era apenas uma atividade, não uma disciplina obrigatória, além disso haviam pouquíssimos cursos de formação de professores nesse campo, e professores de quaisquer matérias ou pessoas com alguma habilidade na área poderiam assumir a disciplina, ou seja, a atividade. Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas mesmo assim não era disciplina, e sim considerada “atividade educativa”.

Somente em 1988, começam as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria aprovada apenas em 20 de dezembro de 1996, a atividade educativa para disciplina obrigatória Arte.

Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, § 2o) **(BRASIL, 1997, p.26)**.

Refletindo sobre essas citações, posso dizer então que hoje, em pleno século XXI, ano de 2017, a Arte é uma atividade ou disciplina?

O que posso relatar é que durante muitos anos o ensino de Arte se resumiu em tarefas com pouca criatividade e marcadamente repetitivas, ou até mesmo desvalorizadas na escola. O que se observa são professores com pouca

preparação, que devo ressaltar que a culpa não seja deles, afinal a política educacional ainda prevalece. Relato isso pelo simples fato de ainda existir professores que ministram a disciplina Arte não sendo formados na área. Sobre essa concepção trago as ideias de Ana Mae, que ressalva:

No ensino da arte, muitas vezes um conteúdo “moderno” é veiculado através de um meio tradicional, não refletido(...) Durante muitos anos no Brasil, o professor se satisfaz apenas com a enunciação dos objetivos e não com sua operacionalização através de métodos apropriados. Esta desvinculação entre objetivos e métodos torna a atividade artística meramente mecânica. **(BARBOSA, 1985, p. 52).**

Muitas das Escolas ao qual fui ²observar tratam da disciplina Arte³ como atividade ou um complemento para o ensino. Outras defendem como disciplina obrigatória para o desenvolvimento do aluno. Através dessas diferenças começo a ser cada vez mais curioso pela maneira em que se procede o ensino de Arte dentro da sala de aula pelos professores.

Vale a pena ressaltar que a sociedade está habituada a encarar e a vivenciar a arte somente como lazer e entretenimento, ou como algo inútil. Pode-se observar através dos currículos de algumas escolas ao qual tive contato, onde o ensino de arte é menosprezado, apesar de se encontrar como disciplina obrigatória, muito mais do que aparenta em sua forma de representação.

Acredito que o professor com seus métodos de ensino pode fazer diferença na escola, para que a disciplina seja vista com outros olhos, assim ganhando seu espaço como as demais disciplinas, com isso não só o professor sai ganhando, mas os alunos e a escola em si.

² Durante a construção desse texto justifica-se a utilização da primeira pessoa do singular por tratar-se de uma descrição de uma pesquisa que no início tem um caráter subjetivo, posteriormente compartilhada e refletida junto ao orientador durante o Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Utilizo “Arte” para designar a disciplina escolar e “arte” ao me referir ao conjunto de trabalhos, ideias e processos de produção artística.

1.1 O Professor/ Suas Vivências

Qual a natureza dos saberes dos professores? Esse saber veio de seus costumes, eles foram adquiridos ao decorrer do seu processo de ensino durante estar na escola ou na universidade?

Quais metodologias dos professores que realmente servem de base para uma melhor educação? Será o professor ao qual cursou uma faculdade e, que domina exatamente o conteúdo do curso estudado, ou ele pode de certa forma dominar outras disciplinas, outros saberes? Talvez com as citações ao qual aqui escrevo, possa nos dar reflexões sobre que tipo de metodologia seria adequado.

Acredito que o ensino de Arte não está apenas para uma reprodução contínua, pois dessa maneira é como se uma máquina fosse produzida apenas para reproduzir e, somos muito mais que uma simples máquina, somos seres humanos com uma liberdade de criar e desenvolver. Segundo a autora Elizabeth, onde relata:

É' ainda sua responsabilidade criar uma metodologia que transcenda a vivência intelectual-cultural e que seja inserida no processo de desenvolvimento integral da criança e do adolescente, como um ser completo. Um método ou uma prática que não apenas “ensine a tocar, representar, recitar ou pintar”, mas que oportunize a exploração dos infinitos vieses de transdisciplinaridade que a arte possibilita, ao mesmo tempo que propicia ao educando a compreensão do seu universo interior e exterior. (PROSSER, 2012, p.16).

Outro autor que me contenta em pensamentos onde diz “que um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu próprio saber profissional, ele depende de estar socializado no ambiente de trabalho” (TARDIF, 2014), o seu desempenho não depende exclusivamente do seu “eu profissional”, apesar de que por mais experiências que tenha tido. Uma das coisas ao que me interessou em suas palavras é que o autor defende o saber social, pelo fato que dessa maneira é partilhado com todos os professores, que não importa o grau de sua formação, pois estão todos no mesmo ciclo escolar, estão ali no cotidiano do ambiente em que trabalham, pois somente dessa maneira as práticas de um professor ganham destaque quando colocada ao coletivo. Uma das coisas

importantes que acredito em relatar, é que além do espaço em que o professor vive e constrói um ambiente, suas vivências anteriores refletem em suas práticas metodológicas em sala de aula, ou até mesmo no local de trabalho. O autor também relata:

O saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidades deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente. (TARDIF, 2014, p.10).

Na minha concepção, o professor de Arte nunca deve ter fim nas suas práticas docentes, ele tem que está o tempo todo planejando, como se uma obra nunca acabasse. Pois o ensino é algo de possibilidades para cada dia uma aprendizagem, é como algo que nunca tem fim.

O saber dos professores depende de um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se torna parte integrante de sua “consciência prática”. (TARDIF, 2014, p.14)

1.2. Quem são esses professores que ensinam arte?

A Arte não está na escola somente pelas mãos de professores de Arte, ela vem sendo ministrada por professores de outras áreas, como Língua Portuguesa, História, Geografia e demais disciplinas. E ao meu ver isso faz com que minha pesquisa seja cada vez mais interessante quanto ao domínio de metodologias de professores ministrando a disciplina Arte. Também não posso esquecer que existe diversas formas de artes dentro de algumas escolas, vindo de voluntários, amigos da escola, artistas profissionais que trabalham em projetos e programas promovidos pelas secretarias. Isso é interessante de se

falar, afinal, quero saber quem são esses voluntários, monitores ou professores e suas maneiras de trabalhos, e assim saber qual é o seu papel principal?

Pude perceber durante minha caminhada na escola esses voluntários. Primeiramente eles executavam suas aulas como reforço, por exemplo: quem estuda pela manhã faz reforço de arte à tarde, ou vice-versa. Essa arte ao qual me refiro são as de dança, música e teatro. A maneira como eles administram essas aulas com os alunos chama minha atenção; pude ter acesso a essas aulas.

Tive a sorte de poder assistir durante uma tarde um dos monitores ministrando suas aulas da seguinte maneira:

Ele pede para que os alunos afastem as cadeiras da sala de aula, para que eles possam sentar no chão em formato de círculo, dessa forma criando um diálogo entres eles. É quando ele começa a entregar um texto, fazendo com que os alunos leiam em voz baixa para si mesmo, e em seguida comecem uma leitura de forma dramática. Os alunos deitam no chão, se espreguiçam segurando seus textos; o professor os deixam à vontade para essa leitura, mas a única coisa que ele pede é que não parem de ler, para que eles entendam o que estão lendo e, que depois possam ser lidos em grupo também. Claro, percebi alguns alunos dispersos, mas esse professor chegava de um jeito com esses alunos e fazia com que eles participassem, simplesmente ele sentava do lado deles e os ajudava.

A maneira como age me faz lembrar o seguinte relato “o processo de ensino e aprendizagem se constitui numa unidade dialética dialogal, no caso quando os dois sujeitos interagem, influenciando e sendo influenciados um pelo outro” (ESTEBAN, 2008). Portanto, acredito eu que essa prática metodológica está relacionada quando o professor se põe também no lugar de aluno.

Perguntei desse monitor qual era sua formação? Ele responde que é formado em pedagogia, mas que está fazendo esse trabalho devido estar sem emprego, mas que a escola não exigia tanto dele, pelo fato de se tratar de um reforço. Ele não precisava lançar notas, escrever no diário, essas coisas que ele já dizia saber.

Eu simplesmente gostei bastante das suas metodologias, das práticas executadas nas outras aulas ao qual presenciei. Mas, foi quando me veio o pensamento de que esse professor/monitor tinha apenas aquela turma, diferente

do professor que estava durante a manhã, pois possuía mais de uma turma, no caso cinco horários de 45 minutos para cada turma.

Fico a imaginar a diferença entre esses professores, as suas práticas com os alunos, o seu cansaço, ou outras coisas que talvez possa ser definida durante a escrita dessa pesquisa.

O professor tem o compromisso de acompanhar as relações entre os processos e os produtos dos estudantes, pois é corresponsável pela avaliação contínua das relações de ensino e aprendizagem dentro da escola, essa é uma das funções profissionais que diferencia o professor do amador, do oficineiro, do artista convidado, do voluntário. **(MARQUES, 2014, p. 49)**

Ao me deparar com essas palavras da autora, agora compreendo que mesmo um professor sendo artista ou não, ele precisa do resultado para uma avaliação, no caso a nota que a administração, “políticas públicas” que vem lá de cima, exige para ser lançado no diário todos os dias, como: frequências e notas em finais de bimestres. Muitas vezes isso requer também tempo, e o planejamento da aula tem que ser de maneira até mesmo corrida.

E nesse momento que começo meu processo de observação com os professores que lecionam a disciplina Arte. Onde irei ter uma reflexão mais detalhada para compartilhar nesse processo de pesquisa.

A reflexão das autoras:

Apesar de todos os esforços para o desenvolvimento de um saber artístico na escola, verifica-se que a arte – historicamente produzida e em produção pela humanidade – ainda não tem sido suficientemente ensinada e apreendida pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros **(FERRAZ E FUSARI, 1993 p.21)**

2. AS TEORIAS E PRÁTICAS DOS PROFESSORES

Durante o levantamento das leituras de alguns autores que falam sobre as metodologias do ensino de arte, decidi criar um questionário de perguntas para entrevistar os professores selecionados para minha pesquisa. Ressalvo que os dados de identificação dos professores entrevistados e observados estão sendo conservados no anonimato nesta pesquisa, que além de evidenciar uma postura ética, também favorece minha análise quanto aos docentes que me permitiram serem observados. Para as suas identificações uso o termo professor em geral, além de optar pela substituição de seus nomes originais por letras em negrito utilizando: **A, B, C, D** e **E**

(A)

Formação: Artes Plásticas (Universidade Federal do Amazonas-UFAM)

Tempo que ministra a disciplina Arte: 10 anos.

(B)

Formação: Licenciatura em Dança (Universidade do Estado do Amazonas-UEA)

Tempo que ministra a disciplina Arte 06 anos.

(C)

Formação: Licenciatura Plena Educação Artística (Universidade Federal do Amazonas)

Tempo que ministra a disciplina Arte: 20 anos

(D)

Formação: Normal Superior

Tempo que ministra a disciplina Arte: 12 anos.

(E)

Formação: Licenciatura e Bacharelado em Teatro- Universidade do Estado do Amazonas

Tempo que ministra a disciplina Arte: 2 anos

As perguntas a seguir foram pensadas e repensadas antes de serem expostas aos professores, pois antes de tudo eu precisava passar para cada um deles que não se tratava de julgá-los como docentes, mas sim levantar uma reflexão quanto suas práticas.

2.1 Perguntas direcionadas aos professores que ministram a disciplina Arte no ensino formal.

- 1) A formação recebida por você (graduação) auxilia na prática cotidiana em sala de aula?
- 2) Quais são para você os objetivos do ensino de Arte?
- 3) Você acha que é importante que os alunos tenham aula de Arte? Por quê?
- 4) Você acredita que para aprender Arte o aluno necessita ter predisposição natural (algum dom)?
- 5) Você busca relacionar o ensino de Arte as outras disciplinas ou assuntos (política, sociedade, cidadania, relações interpessoais, Filosofia, História)? E os outros professores estão abertos para essas parcerias?
- 6) Como os professores de Arte são vistos na escola?
- 7) Quais as dificuldades que você encontra ao ministrar a disciplina?
- 8) Quais as facilidades que você encontra ao ministrar a disciplina?
- 9) Como são escolhidos os conteúdos ensinados? Como você articula os conteúdos que considera necessários e os exigidos pela escola?
- 10) Qual é sua metodologia de ensino de Arte? (Estratégias, materiais, maneiras, modos etc.).

Devo relatar que para chegar no foco da minha pesquisa, no caso a pergunta que acredito que rege este trabalho “ pergunta 10”, eu precisava que outras perguntas estivessem relacionadas com o ensino de Arte. Só assim minhas indagações como pesquisador poderiam ser respondidas.

É interessante as respostas de cada professor entrevistado e, suas observações, reflexões, maneiras em que ministram suas aulas. Durante a leitura de cada uma delas me deparei com alguns autores que relatam sobre o assunto, e sem falar na minha concepção quanto pesquisador.

Ao perguntar do professor **A**, se sua graduação o ajudou em suas práticas metodológicas em sala de aula, ele diz que sim, devido ter passado pelo magistério, e que durante essa fase aprendeu bastante. Quanto a sua graduação em Artes Plásticas, relata que foi boa, devido as indicações de autores da arte educação: *“Me inspiro em Ana Mae Barbosa, na sua abordagem triangular”*. Também relatou que na graduação buscou maneiras de conduzir a arte através do ensino, mas que, contudo, ao chegar na realidade dos duzentos dias letivos em salas superlotadas não foi a perspectiva esperada.

Importante o que umas das autoras ao qual estou em leitura constante ressalva:

Conhecer e acompanhar, verdadeiramente, hipóteses, interesses, necessidades, ritmos de cada aluno é um grande desafio quando as turmas são numerosas e o tempo do professor com eles é pequeno e fragmentado. Essa dificuldade dos professores, naturalmente, fortalece a permanência do ensino frontal, as aulas expositivas, as explicações ao grande grupo, os testes finais. (HOFFMANN, 2009, p. 43).

Posso então relatar que conforme sua resposta, mesmo tendo uma teoria de aprendizagem, somente na prática decorrente na sala de aula é que aprendemos realmente como trabalhar com os alunos, sendo assim acredito que, o tempo em que vai conhecendo cada um deles, fazendo com que haja além de tudo uma doação do professor.

ESTEBAN (2008) diz que “se trata de um processo de desconstrução e reconstrução”, a partir de um reconhecimento de um saber decorrente da prática e da escola com um *locus* de produção de conhecimentos e não somente de reprodução do já sabido, já dito, já instituído. Mas, sim de inteira entrega como um professor que está disposto a enfrentar a realidade em que se encontra, assim achando meios de como conduzir suas práticas em sala de aula.

Durante a resposta do professor **D**, fiquei preocupado quanto ao seu retorno da pergunta **1**, onde relata sobre sua graduação em Normal Superior. Ele diz: “*Arte era apenas uma disciplina na grade curricular, o que foi insuficiente para a minha formação*”. Depois de ter recebido essa resposta, me veio a seguinte questão que equivale as perguntas de número **7** do questionário de entrevistas, onde pergunto as dificuldades que encontra ao ministrar a disciplina Arte; a pergunta **9**, como são escolhidos os conteúdos ensinados; e a pergunta de número **10**, que é a metodologia que usa no seu ensino de Arte.

Em resumo, suas respostas:

“Todos conteúdos são da proposta curricular da secretaria de educação. Mas vou vendo temas da atualidade, daí então faço a inserção de conteúdos que considero importantes naquele momento. Às vezes, não me sinto seguro com algum conteúdo. Então recorro a livros didáticos de Arte, jogos teatrais, vejo vídeos, músicas. Dessa maneira crio instrumentos de como trabalhar em sala de aula”.

Achei interessante a busca desse professor por aquilo que não conhece, acredito que professores devem estar atentos a isso.

FREIRE (2011) relata que o professor “precisa conhecer as diferentes dimensões da prática educativa, tornando-se mais seguro em seu desempenho”. Não sabe de algo, então deve mesmo buscar, correr atrás para que possa ajudar a si mesmo e seus alunos. Creio que deve ser bastante complicado ministrar a disciplina arte, e não ter uma graduação nesta área.

2.2. Quanto ao objetivo do ensino da Arte.

Eu jamais poderia deixar de perguntar a cada professor entrevistado a pergunta de número 2: Quais são para você os objetivos de ensino de Arte?

Decidi então recitar as cinco respostas:

Professor A:

Se meus alunos forem alfabetizados visualmente penso que já atingi meu objetivo. O Olhar! Minha meta de ensino é ensinar a olhar. Além de estimular a criatividade e imaginação

Professor B:

Eu acho que a Arte é de fundamental importância para a vida do ser humano, que inicia na sala de aula. Ainda mais com o preconceito que a disciplina sofre. A arte conta a nossa história, a história do mundo, como foi o nosso desenvolvimento humano, motor, psicomotor e ainda ajuda a descobrirmos nossa identidade, aflorar habilidades artísticas q talvez o aluno nem fazia ideia que tinha.

Professor C:

Desenvolver o educando um senso crítico, a partir do conhecimento da arte que se reflete a sociedade

Professor D:

Observar alguns elementos artísticos, como cores, texturas, formas e tamanhos. Ter noções de teatro, música, canto e dança.

Professor E:

O objetivo do ensino de arte é que seja essencial ensinar para que possa trabalhar a percepção do aluno, o mundo do aluno, em que ele vive de uma forma simbólica, de uma forma em que as outras disciplinas não permitem. Com isso irá trabalhar a sensibilização, a imaginação, ajudando na sua formação com o mundo pessoal e social.

Em resumo eu responderia:

“O objetivo do ensino de Arte é ensinar arte”. Não estou aqui dizendo que cada resposta está certa ou errada, mas acredito que “o objetivo da prática do ensino de arte se baseia na sua própria ação em ser arte.” (TARDIFF, 2008). Então porque tentar agir de maneira diferente? Para que buscarmos tantas palavras para aquilo que está a nossa frente.

Uma outra coisa que me intriga como futuro professor de Arte, é saber se o aluno necessita ter pré-disposição natural para aprender arte. Pois mesmo usando uma prática metodológica eficaz, será que esse aluno já tem algum dom? É preciso ele ter esse dom para que minha maneira em propiciar esse ensino seja realmente “boa”? Ou minha prática de ensino tem que ser diferente para cada um aluno, seja ele com dom ou sem dom. Veja uma das respostas da pergunta 4, em que o professor **E**, diz:

“O aluno não precisa ter alguma disposição natural para saber arte, acredito que arte no geral todos nós somos capazes de nos expressarmos com outra linguagem, basta que esse aluno ou nós mesmo estejamos alfabetizados em alguma área artística. Muitos não conhecem o estudo do teatro, da música, da dança, das artes visuais. E isso dificulta como qualquer outra área. Não acredito no dom, acredito que o ser humano nasce pronto para entender o mundo de várias formas no qual está sendo mostrado a ele. E claro eu como professor tenho o dever de ajudá-lo a entender esse olhar reflexivo do mundo em que vive.”

Observem o que o professor **A** responde:

“Em parte o aluno necessita ter predisposição natural. Ele precisa ter predisposição para estudar e aprender, é disso que falei na questão anterior, da base da educação doméstica. Se faz necessário, em todas as disciplinas, em qualquer tipo de estudo, o aluno querer estar ali, querer aprender, querer interagir com os outros. Se perguntares sobre saber dançar, desenhar, cantar, acredito que não precisa ter a predisposição. É necessário querer aprender.”

Em diagnóstico das duas respostas percebo que o professor **E**, no final de suas palavras entende que depende do professor para ajudar o aluno em uma nova perspectiva quanto ao mundo e, no professor **A**, firma que depende do aluno querer aprender. Ao meu ver firmo que a primeira resposta coincide com meus pensamentos, em acreditar que o professor deve usar de seus instrumentos para que sua prática possa conquistar esse aluno, e que dependentemente de o aluno ter dom ou não, não posso julgá-lo diferente, apesar de eu acreditar que o aluno não nasce com dom quanto a questão do tema arte, mas que realmente possa instigar o seu cognitivo para essa construção. Também acredito que o professor deve estar atento a cada aluno, quanto suas perspectivas de aprendizado, pois não se trata de dom, e sim o tempo de cada um quanto a aprender o que o professor o propicia.

HOFFMANN (2009) diz que “diálogo, acompanhamento do jeito de ser e aprender de cada educando”, depende do professor em dar-lhe a mão, com rigor e afeto, para ajudá-lo a prosseguir sempre, tendo ele a opção de escolha de rumos em sua trajetória de conhecimento.

2.3 O ensino de Arte com outras disciplinas

Uma das coisas que acho de tamanha importância ressaltar é sobre a disciplina Arte e seus envolvimento com outras disciplinas. Seria cabível que Arte fosse juntado um acordo de trocas de conhecimentos com outras disciplinas? Seria possível que houvesse acordo entre professores para que buscassem meios de uma boa metodologia para seus alunos? Essas perguntas me transmitem agonia, afinal futuramente estarei no corpo docente desta escola. E como devo me comportar, o que devo fazer?

Os relatos dos professores na entrevista nos falam um pouco dessa posição. Na pergunta **5** do questionário, pergunto se o professor busca relacionar o ensino de Arte as outras disciplinas ou assuntos (política, sociedade, cidadania, relações interpessoais, Filosofia, História)? E se os outros professores estão abertos para essas parcerias?

O professor **A** responde:

“Busco, mas não coloco em prática da maneira que gostaria, por que não dá tempo. Pois temos turmas com 56 alunos que em média apenas 6 estão predispostos a aprender, os demais cansados, querendo dormir, conversar, namorar, ir embora para casa, menos estudar e debruçar no mundo das artes. Esta é a realidade de alguns alunos. ”

O professor **B** em resposta:

“SEMPRE!!! Acho que esse link com as demais disciplinas, enriquecem o ensino, fazendo como que o aluno seja mais receptivo e entenda a Arte é importante como as demais disciplinas. Quanto aos colegas professores serem receptivos com a ideia de somar com a arte, alguns sim, outros não; ainda vemos muito preconceito com a arte. Apesar de que é essa disciplina que move a escola. ”

Então se meus alunos estão cansados, com sonos em sala de aula, EU tenho que seguir a mesma coisa que eles estão passando? O viável não seria eu tentar reanima-los? Onde está minha prática para com os alunos? Fico a pensar o quanto é difícil realmente encontrar os alunos nessa situação. Mas, ao meu ver acredito que devemos ter uma potencialidade para esta fragilidade, buscar meios para que os alunos não caiam apenas no entendimento que a arte está ali apenas para descansar. E que devemos se todas as formas fazer com que ele acredite que a Arte é uma disciplina importante como as demais outras, conforme a resposta do professor B; e que não devemos nos deixar ser afetados pelo cansaço.

FREIRE (2011), diz que “ensinar exige risco, aceitação do novo e também rejeição”. O professor está vulnerável a não aceitação de outros professores, mas que podemos criar meios para conquista-los, pois exige astúcia, exige cautela e determinação para conquistar todos em sua volta.

A maneira em que o professor age com os alunos, a maneira como o professor age na escola onde exercita sua docência, podem ser representações de suas práticas vista por todos que estão à sua volta (TARDIFF, 2008), portanto devemos ter esse cuidado com nossas ações e refleti-las.

2.4 O professor de Arte como é visto na escola

Posso aqui dizer que durante minha vida, ao conhecer os professores de Arte, sempre percebi que na maioria dos eventos dentro da escola, o professor que ficava na organização, ou responsável por produzir algum evento de “arte”. Com o tempo comecei a me perguntar se isso era bom ou ruim? Será que o professor estava sendo valorizado? Ou ele era visto apenas durante o “dia das mães”, “páscoa”, “natal” etc.? Em virtude da pergunta 6 do questionário, achei interessante perguntar para os professores entrevistados como os professores de Arte são vistos na escola?

Em respostas:

O professor **A**: *“são cobrados por produzir e ajudar os eventos e festas da escola. Porém são desvalorizados por pensarem que é uma matéria fácil, que todos serão aprovados.”*

O professor **B**: *“Depende da escola, de seus gestores. Já trabalhei em algumas que eu fui vista como um troféu, e com certeza dei tudo de mim para fazer jus a confiança em mim depositada. Por outro lado, já fui tratada como um nada.”*

O professor **C**: *“Penso que existe certa ressalva sobre a disciplina, achando que a arte está ligada aos eventos e ornamentações.”*

O professor **D**: *“O professor é visto como menos importante, menor, em comparação os demais professores de outras disciplinas.”*

O professor **E**: *“Na escola em que trabalho sou o único professor de arte. Eu me sinto bem recebido pela escola, tanto por alunos, como professores. Tenho sorte de ter um convívio que eu posso dizer feliz, onde sou respeitado. Agora não posso deixar de falar que muitos professores de arte são vistos como*

“tapa buracos”, para fazer algo “bacaninha”. Acredito que a importância da arte não está enraizada, por um processo de desvalorização de muito tempo que é até hoje; mas afirmo que na escola onde trabalho tenho um reconhecimento. ”

As respostas de cada professor achei bastante interessante frisar acima, pois todos de certa forma responderam como sempre pensei, em meio em que o professor de Arte é visto numa escola. Mas, ao mesmo tempo acredito eu, que temos que fazer isso mudar. Tudo isso de ruim, tem que ser acabado a partir do momento que nos colocarmos com nossas ações, com nossas práticas.

Ao mesmo tempo em que procede as respostas dos professores, também me pergunto quanto as suas dificuldades e facilidades que encontra ao ministrar a disciplina?

Todos responderam de maneiras iguais, dizendo que existem muito mais dificuldades, que só existe facilidade a partir do momento que você encontra um gestor, um pedagogo, uma coordenação que te apoia em suas práticas.

Pontos das dificuldades que mais ponderaram:

- Falta de espaço propenso as atividades práticas;
- O tempo de 45 a 50 min é insuficiente, pois não dá para trabalhar realmente um processo de aprendizado;
- Muitos professores não são unidos dentro da escola;
- A falta de apoio tanto da gestão da escola como órgãos estaduais em gerais;
- A experimentação em levar seus alunos para conhecer outros espaços ligados a arte; pois não há apoio;

Enfim, diversas dificuldades ressaltaram, porém de certa forma devo aqui dizer que seria muito mais que este trabalho de pesquisa para relatar sobre a questão desse espaço que está sendo levantado pelos professores. Que é um assunto que devemos refletir sim. E que acredito também que esse espaço possa ser transformado em ambiente, pois o professor pode fazer isso; quando falo em ambiente é devido acreditar em transformação de um lugar, onde nossas práticas podem ganhar olhares positivos.

2.5 As metodologias dos professores- estratégias-instrumentos

As várias perguntas que foram alicerces para a construção das perguntas **9** e **10** que permeiam este trabalho, sobre as práticas metodológicas de cada professor entrevistado, pude finalmente perguntar a eles sobre suas estratégias, maneiras de trabalho, que instrumentos usam para seus alunos.

Em respostas:

Professor A:

“Todos conteúdos são da proposta da secretaria de educação. Com temas da atualidade faço a inserção de conteúdos que considero importantes naquele momento. Faço aulas expositivas. Prática artística. “

Professor B:

“Eu sigo o conteúdo determinado em parte, mas com meu jeito... dependendo da turma, série, a receptividade daquela turma aceitar o ensino da arte, eu vou criando métodos para conseguir inseri-los no conteúdo. As estratégias mudam de uma turma para outra, mas em geral, me utilizo da linguagem deles para atingi-los e fazer como que eles se sintam à vontade comigo e assim com o conteúdo ministrado. “

Professor C:

“De acordo com cada realidade, procuro adequar uma metodologia possível, a ausência de materiais, utilizando recursos próprios ou fazendo com que os alunos providenciem se próprio material. “

Professor **D**:

“Utilizo livro didático de Artes, pesquisa, jogos teatrais, produção e reprodução de telas, observação, música.”

Professor **E**:

“Eu procuro usar o plano curricular, mas está atento também para aquilo que posso dominar ou não posso dominar, aí então aprender mais um pouco, ler mais um pouco, conhecer mais um pouco. Mas, sou da área de teatro, tento ter bastante jogo de cintura. Eu procuro relacionar as outras linguagens como artes visuais, música e dança e traze-las para o teatro. Trabalhar as artes visuais nos figurinos, trabalhar a música dentro de um espetáculo, a dança dentro da expressão corporal, e perceber o que mais interessa para esses alunos. A arte é uma vivência artística. Eu tento fazer com que o livro não seja apenas algo para decorar, e sim para viver, experimentar. Fazer sempre que o aluno reflita sobre o mundo que o cerca. Para que ele se perceba como indivíduo dentro da sociedade, para que perceba também o outro, perceba a coletividade, as igualdades, as diferenças. Conhecer qual o papel dele dentro dessa sociedade. Que reflita sobre o que ele fala, sobre sua expressão. E acima de tudo, fazer com que o aluno perceba que ele pode transformar, pois a arte é um meio para isso. A arte é profissão, a arte é conhecimento.”

Em reflexão sobre cada resposta durante toda a entrevista, percebi que todos os professores de certa maneira tentaram mostrar para mim seus métodos de ensino de forma teórica, onde pude conhece-los um pouco sobre seus pensamentos quanto ao ensino de arte, suas facilidades e dificuldades dentro do âmbito escolar e suas estratégias quanto a ministrar suas aulas junto aos alunos.

3. UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES

Depois das entrevistas com cada professor⁴, pedi o consentimento para que pudesse assistir suas aulas. Pois eu precisa estar ali dentro, dentro da sala de aula, observar cada professor com seus respectivos alunos. Estive com cada professor durante duas semanas, e de antemão ressalvo que não irei apresentar dia por dia com cada professor, mas sim relatar de maneira geral sobre suas práticas metodológicas, pois esse é o foco da minha pesquisa, sendo assim creio que tanto eu como você leitor, poderá refletir sobre as entrevistas de maneiras teóricas e sobre suas práticas.



Figura 4

O professor **A**, formado em Artes Plásticas, e ministra aula para a turma do 6º ao 9º ano, usa em seus métodos com seus alunos a criação de elementos visuais, usando a pintura em papéis, pedras e demais adereços. Sem falar que usa como instrumentos bastante o projetor de imagem. Percebi também que tem bastante pulso em levar seus alunos para fora da sala de aula, pois durante algumas das aulas, o professor levou seus alunos para conhecer o Museu de Arte da Amazônia e o Teatro Amazonas. Isso me fez lembrar quando li sobre “A ida ao Teatro, da autora Ingrid Koudela, onde relata:

⁴ Estou usando o termo “professor” para todos, por uma questão de ética em não citar nomes conforme dito durante a escrita desta pesquisa.

A ida ao teatro é extra cotidiano em relação à rotina escolar. Mas ela pode ser transformada em oportunidade para criar uma situação de ensino/aprendizado, na qual a descoberta e a construção de conhecimento estejam presentes, através da preparação antes da ida ao teatro e na volta à escola. (KOUDELA, 2010, p. 3)

A partir do momento em que o professor busca meios para que suas aulas sejam diferentes, que propicia para seus alunos a quebra da rotina formal, com toda certeza esses alunos irão lembrar desse professor, do momento em que esteve em suas aulas. Acredito que o professor tenha alcançado este aluno, pois ficará resquícios fixados em sua memória. Pois o aluno está acostumado a todos os dias está ali dentro de sala de aula, e a monotonia faz com que o aluno perca o interesse. A sala de aula se torna um pobre espaço de repetição, sem possibilidade de criação e circulação de novas ideias (ESTEBAN, 2008).

Durante minha trajetória com o professor **B**, formado em licenciatura em dança, e ministra aulas para o 1º ano do ensino médio; o que mais me chamou atenção foi a maneira como usa suas palavras, quero dizer “linguajar”⁵ deste professor para com seus alunos. Desta maneira o professor tinha uma intimidade grande na sala de aula, onde seu comportamento extrovertido fazia com que seus alunos participassem bastante de suas aulas. A maneira como conduzia suas aulas fazia com que me tirasse aquele olhar apenas de observador, pois ao afastar as cadeiras, fazer com que o aluno entrasse no jogo que ele estava propondo, ligando a caixa de som, era como se estivesse em outro local. Esse ambiente em que esse professor propiciava aos seus alunos, a sua determinação em fazer com que o aluno participasse, era de tamanha emoção para meus olhos. Bom, talvez eu tenha me identificado.

Nas rodas de conversa com seus alunos, o professor dizia que todos eram capazes, todos podiam dançar, interpretar, pintar etc., mas que para isso eles precisavam praticar, precisavam estar ali participando.

Durante minhas leituras, confirmo a ressalva em que o autor diz:

⁵ Modo de falar equivale as características de cada ser humano, dependendo de sua cultura ou que tenha aprendido a usar e usa frequentemente. (www.priberam.pt)

Nem todo aquele que quer pode ser artista ou artesão: é preciso já ter um certo “talento”. Mas o talento sem a prática não serve para nada: é a prática que possibilita descobrir o “talento” e atualizá-lo em operações concretas e obras singulares. (TARDIF, 2008, p. 157)

Quando o autor destaca em aspas a palavra “talento”, fiquei procurando encontrar o porquê, mas só depois de outras leituras pude entender que esse talento quer dizer “capacidade”, a capacidade de desenvolver, a capacidade de buscar meios para que possa se descobrir a cada dia. Em meio a isso, percebo que o professor **B** faz com que os alunos acreditem nisso.



Figura 5

Nas aulas do professor **C**, formado em Licenciatura Plena em Educação Artística, ministra aula para alunos do EJA⁶; pude perceber a dificuldade que ele encontra dentro da sala de aula. Tive muitas conversas com esse professor, pois

⁶ EJA- Educação Jovens Adultos

na maioria das vezes os alunos não compareciam as aulas. O professor dizia que era devido muitos trabalharem durante o dia, muitos terem família, filhos, ou até mesmo a falta de dinheiro para ir à escola.

Durante as aulas o professor usava projetor para que seus alunos visualizasse as imagens, vídeos e também muitas partes escritas. No começo eu ficava pensativo porque esse professor usava tanto projetor, e porque tantos textos com letras grandes. Depois percebi que muitos tinham dificuldades na visão, em consequência da idade.

Mas ao mesmo tempo em que eu via essas dificuldades, ficava a imaginar o que eu poderia fazer para mudar isso? Como seria se eu encontrasse essas dificuldades que estavam diante dos meus olhos? E foi então que comecei a lembrar de cada aula estudada dentro da Universidade, de todas as teorias e práticas que tive junto a Professores do Curso em Licenciatura em Teatro, onde também posso dizer que tive a sorte de ter desenvolvido muito melhor minha concepção junto a leituras de autores que me embasaram para esta pesquisa e, sem falar na minha construção como ser humano.



Figura 6

Agora começo a perceber com este professor **C**, que estou encontrando uma resposta para minhas angustias conforme relato neste trabalho. Digo que não é a resposta certa, a resposta exata, pois muito tenho que aprender ainda. Mas, pelo menos tenho uma ideia de que prática metodológica devo usar como futuro professor de Arte. Pois, sei o quanto a minha graduação em teatro me ajudará em momentos difíceis que observei durante parte desta pesquisa.

Ao mesmo tempo em que escrevo tudo isso para você leitor, trago também as minhas observações com o professor **D**, formada em Licenciatura Normal Superior, onde ministra suas aulas para alunos do 4º ao 5º ano do fundamental I.

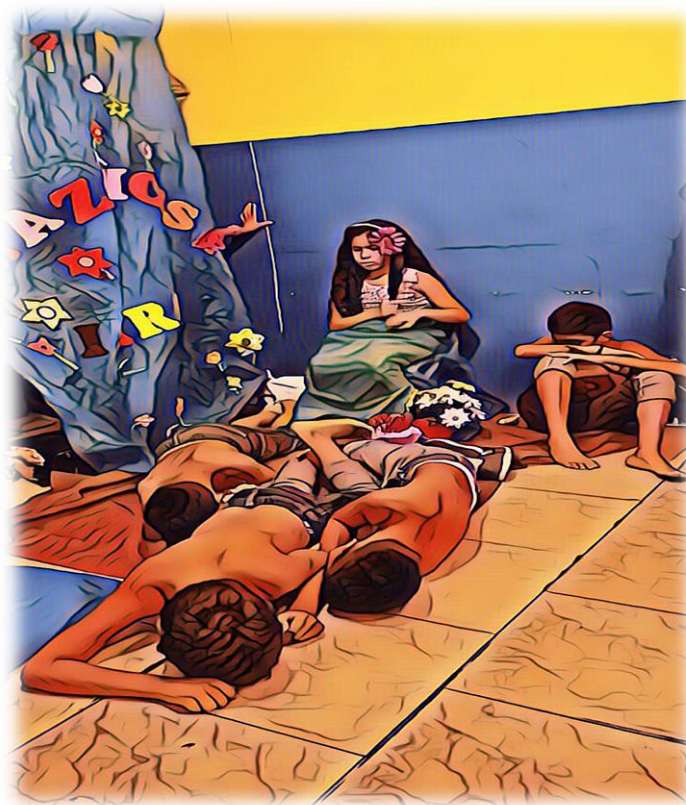


Figura 7

Uma das coisas que chamou atenção nas práticas desse professor foi a sua determinação em buscar meios para que seus alunos interagissem uns com os outros, usando a linguagem do teatro. Durante a entrevista este professor não falou tanto, mas suas práticas como professor me surpreenderam bastante. Falo isso pelo fato de este professor não ter uma especialização em Arte.

NOGUEIRA (2015) diz que “ Teatro tem um potencial fortemente lúdico, podendo assim, se apresentar como um instrumento de encantamento, alegria e reflexão. ” Acredito neste potencial quando o professor **D** usa isso como suas estratégias de ensino.

Mas em diálogo com este professor perguntei como usava essas estratégias; e foi quando o professor falou que todos nós temos algo que já vem da nossa infância, nossa cultura, algo que podemos lembrar para o resto da vida, e que podemos usar isso para ajudar na nossa prática, principalmente quando não tem uma formação na área.

KOUDELA (2006) ressalva que “a arte tem uma contribuição única a dar para a experiência e a cultura humanas, diferenciando-se de outros campos de estudos. “, e foi isso que vi durante a observação deste professor, o que posso dizer que me contribuiu bastante, pois acredito sim que a educação em que tivemos, a cultura de que fazemos parte reverbera na ação futura da prática metodológica.

Trago aqui para finalizar as minhas observações o professor **E**, formado em Licenciatura e Bacharelado em Teatro, que ministra aulas para o 6º ao 9º ano, fundamental II.

Em meio a observação posso dizer que em suas palavras o professor defende bastante a seguinte frase:

“Temos que estar atentos porque muitas vezes o aluno não está interessado na disciplina, no conteúdo, temos que procurar saber em que esse aluno pode se identificar, para que possamos criar vínculos com esses alunos no seu aprendizado a cada dia.”



Figura 8

Quando o professor fala em vínculo, acredito que é a preocupação que devemos ter com os alunos que temos, pois durante suas aulas percebo que há essa preocupação. O professor E, mostra isso na sala de aula; sua interação é evidente.

VILAS BOAS (2006) relata que “cabe ao professor estar sempre atento e disponível para ajudá-lo a observar seu crescimento intelectual e a registrar suas análises.” Isso é meramente importante, pois fazer anotações, observar seus alunos, são meios fundamentais para elaborar estratégias de ensino em sala de aula, sendo assim uma prática metodológica eficiente, ajudando não só o aluno, mas a si mesmo como interventor.

MINHA REFLEXÃO

Ao me deparar com as entrevistas e observações dos professores pude responder minhas indagações, minhas angústias quanto as práticas metodológicas do ensino de arte, assim apanhando um pouco de cada um deles que me instruíram de certa maneira para que futuramente eu possa me tornar um professor com boas práticas de ensino. Também ressalvo que essa pesquisa não termina por aqui, pois acredito que ainda há muitas outras coisas que posso aprender e contribuir com você leitor quanto as práticas metodológicas do ensino de Arte.

Aqui deixo alguns pontos em resumo do que aprendi com esse trabalho:

- Observar cada aluno com olhar sensível;
- Interagir no ambiente escolar;
- Utilizar de recurso didáticos;
- Planejar seus estudos;
- Organização do material escolar;
- Planejamento do seu cronograma junto aos alunos;

Enfim estar atento sobre a vida do aluno faz com que a prática do professor possa ser repensada quanto à sua maneira de agir. E, “acredite o processo de aprendizagem nunca chega ao fim.” HOFFMANN (2009).

E posso aqui dizer que eu Cledson Santos Oliveira (Fhabyo), estou feliz pelo que escrevi, pelo que aprendi e poder dizer que como Formando em Licenciatura em Teatro posso ser um professor de Arte usando a minha formação de TEATRO, onde eu possa propiciar aos meus alunos essa linguagem incrível que transforma, que amadurece, que contagia. Terminei este trabalho com lágrimas nos olhos, fechando com uma citação de um autor que fez toda diferença em minha vida... TARDIF:

Todos aqueles que se interessam pela prática educativa, precisam num dado momento, perguntar a si mesmos. “ O que é prática educativa”. Essas perguntas se refere a natureza do agir educativo e equivale a perguntar: “ O que fazemos quando educamos? Que forma ou que tipo de atividade é a educação? A Ação do educador pode ser comparada ao criar do artista, ao fazer do técnico, ao pesquisador do cientista, ao modelar do artesão, ao produzir do operário, ao agir do político? Seria ela uma mistura de todas essas formas de atividade ou uma forma de ação específica que possui seus próprios atributos? ”. (TARDIF, 2008, p. 154).

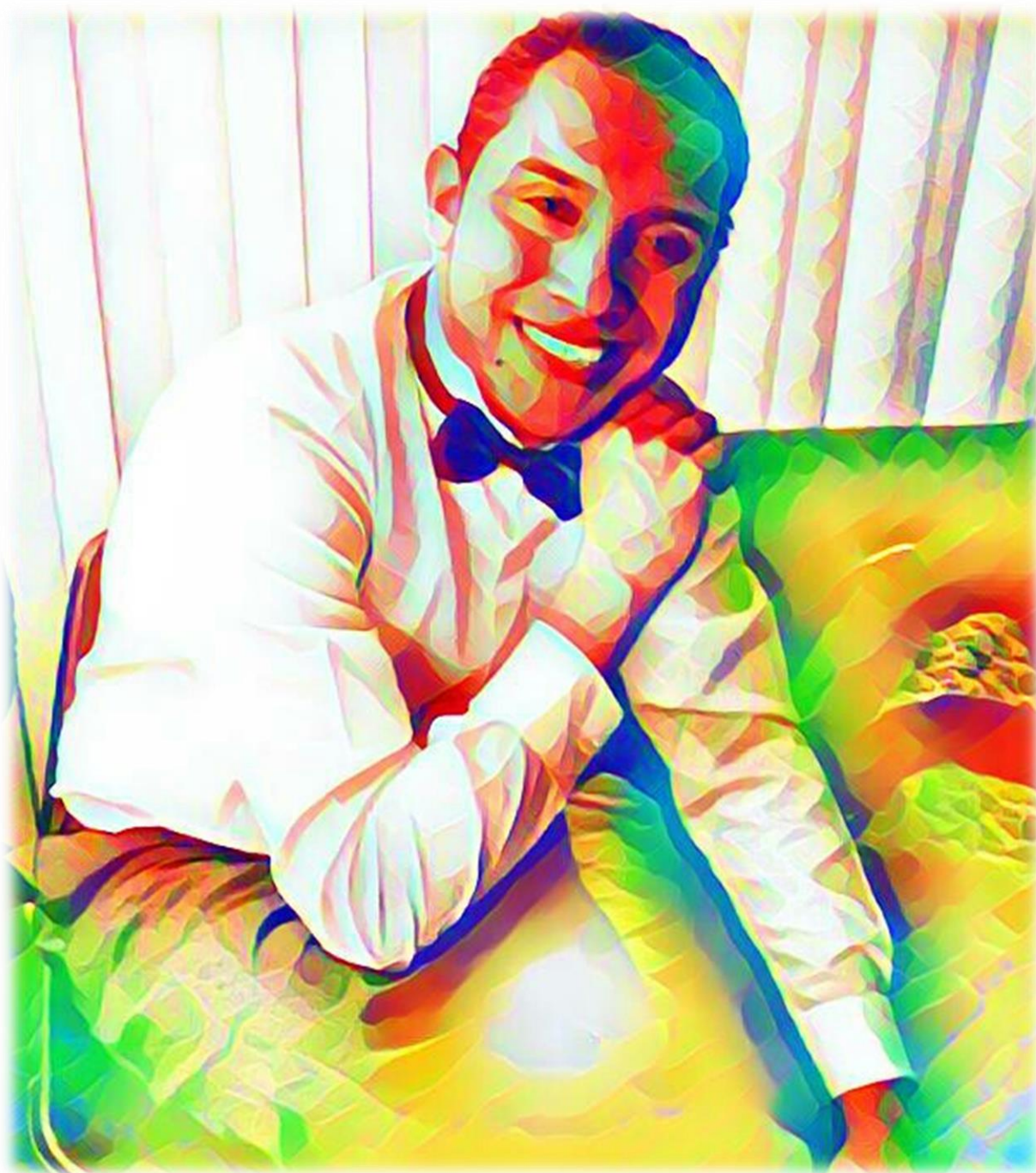


Figura 9

Muito obrigado caro leitor!

Cledson Santos Oliveira
(Fhabyo Angelo)

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 22/2005 de 23 de dezembro de 2005. Solicita a retificação do termo que designa a área de conhecimento “Educação Artística” pela designação: “Arte”, com base na formação específica plena em uma das linguagens: “Artes Visuais, Dança, Música e Teatro”. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Categorias funcionais, essencialismo e contextualismo. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos e acertos**. 2.ed. São Paulo: Max Limonad, 1985. P.52-59

_____. Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2.ed.- São Paulo: Cortez, 2003.

_____, Polivalência não é interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae, **Arte-educação: conflitos e acertos**. 2 ed. São Paulo: Max Limonad, 1985. P. 68-90.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo, 2004.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes Docentes e Autonomia dos Professores**- Petrópolis, RJ; Vozes, 2013.

CARDOSO, Américo de Oliveira. **Da Infância à docência do mundo da vida: Trajetos de leitura e Formação**. Magi Mirim, SP: 2009-1º Edição

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**- 1.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**- 5. ed. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008

FUSARI, M. F. de R; FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na Educação Escolar**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, M. H. C. de T. **Metodologia do ensino de arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra (1981).

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho/** Jussara Hoffmann. – Porto Alegre: Mediação, 2009. (11. Ed. rev. e atual. Ortog.).

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores.** –Porto Alegre: Artmed, 2010.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino do Teatro.** 2001, 2010, 2012.

KOUDELA, Ingrid. **A ida ao Teatro.** Sistema Cultura é Currículo. São Paulo, 2010.

_____ **Jogos Teatrais/ Ingrid Dormien Koudela.-** São Paulo: Perspectiva, 2006. – (Debates; 189/ dirigida por J. Guinsburg)

MARQUES, Isabel. **Arte em questões/** Isabel marques, Fábio Brazil.- São Paulo: Cortez, 2014

NOGUEIRA, Cecília Carol. **Projeto de Extensão Encantamento Teatral.** Manaus-2015

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

PROSSER, Elizabeth Seraphim. Ensino de Artes. [1, ed. rev.].-Curitiba, PR : IESDE Brasil, 2012.

SEVERIANO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. Edição. rev. e atual. –São Paulo: Cortez, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VILLAS BOAS, B.M. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** Campinas, SP: Papirus, 2006.